

Mendes, M. (2008) - Um discurso pedagógico para a arte rupestre do Vale do Côa: O processo de criação do Serviço Educativo (I). *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 9, Aveiro, p. 154-159

ISSN | 1645.9261

Turismo

Revista & Desenvolvimento

N.º 9 | 2008

Journal of Tourism and Development



Golfe | Golf

Termalismo | Spas

Turismo Religioso | Religion

Geoturismo | Geotourism

Marketing | Marketing

Turismo e Crianças | Tourism and Children

Um discurso pedagógico para a arte rupestre do Vale do Côa: o processo de criação do Serviço Educativo do PAVC

MARTA MENDES * [mmendes.pavc@ipa.min-cultura.pt]

1. O PAVC e o seu património

O Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) é um serviço dependente do Instituto Português de Arqueologia (IPA) do Ministério da Cultura, sediado em Vila Nova de Foz Côa (Figura 1).

O PAVC tem por função "gerir, proteger, musealizar e organizar para visita pública os monumentos incluídos na zona especial de protecção do Vale do Côa" (Decreto-Lei n.º 117/97, de 14 de Maio).

Este território de 200 km² abrange todo o curso do Baixo Côa, integrando na sua área grande parte do concelho de Vila Nova de Foz Côa, e pequenas porções dos concelhos da Meda, de Figueira de Castelo Rodrigo e de Pinhel. No seu interior, situa-se um importante conjunto de núcleos de arte rupestre, identificado a partir de 1991, durante o processo de construção de uma barragem.

A distribuição dos 28 núcleos de gravuras faz-se ao longo de ambas as margens dos 17 km finais do curso do rio Côa e nos vales afluentes do Douro, junto à foz do Côa (Figura 2). O seu suporte é constituído por superfícies rochosas verticais formadas pela fractura do xisto típico da região.

Trata-se de uma arte com características excepcionais, uma vez que testemunha as origens da criação artística humana, durante o Paleolítico superior, tendo sido classificada como Monumento Nacional, em 1997, e integrada na Lista de Património Mundial, desde 1998.

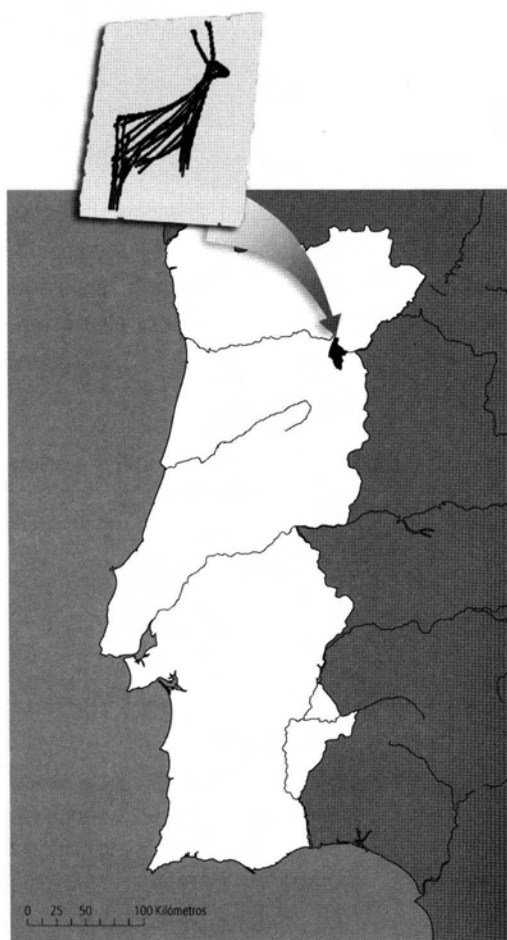


Figura 1 | Localização do Parque Arqueológico do Vale do Côa.

* **Arqueóloga** responsável pelas Actividades Educativas do Parque Arqueológico do Vale do Côa.

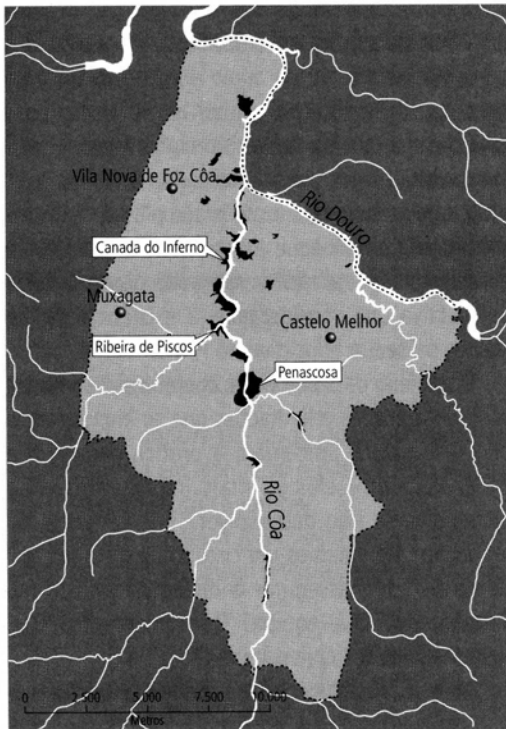


Figura 2 | Arte rupestre do Vale do Côa e o território do PAVC.

Os principais motivos representados são os herbívoros: cavalos, auroques (antepassado selvagem do boi doméstico), cabras e veados. Estes seriam os animais típicos da fauna paleolítica, consistindo a base alimentar dos homens e mulheres durante esta época. Para além destes animais, verifica-se ainda a existência de alguns peixes, símbolos e raras figuras humanas. A técnica artística mais representada é a gravura, existindo apenas um núcleo com vestígios de pintura associada à gravura paleolítica. (Baptista, 1999; Carvalho *et al.*, 1996).

Para além das gravuras paleolíticas, alguns dos 28 núcleos identificados até ao momento incluem representações de outros períodos históricos, tais como pinturas do neo-calcolítico (entre 10.000 a 5.000 anos), gravuras da Idade do Ferro (com cerca de 2.500 anos) e ainda outras contemporâneas (da primeira metade do século XX).

Até à descoberta das gravuras do Vale do Côa, julgava-se que a arte rupestre paleolítica se circunscrevia ao interior das grutas. A arte preservada no Vale do Côa veio trazer uma nova

visão acerca da arte paleolítica. Provavelmente, a arte paleolítica ao ar livre era tão ou mais comum do que a das grutas, mas por motivos de conservação não chegou até nós, o que acrescenta relevância à arte rupestre do Côa.

Após grande debate nacional (Luís, 2000), o PAVC abriu as suas portas em Agosto de 1996, e tem vindo a desenvolver um trabalho de defesa, estudo e divulgação da arte rupestre, mas também do território envolvente. Neste momento o Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa, estrutura fundamental para a contextualização arte, e que poderá vir a potenciar a atracção turística da região, encontra-se em fase de projecto, que deve estar concluído até finais de 2008.

O PAVC tem vindo a desenvolver um programa de promoção e divulgação deste património, que assenta numa série de acções já realizadas com sucesso, e por isso apostadas na continuidade; outras que se encontram ainda em fase de elaboração; e, outras ainda, que certamente se apresentarão com o passar do tempo e perante os desafios que se nos forem colocando.

Efectuámos, em termos de comunicação, uma divisão tendo em conta os diferentes públicos-alvo. Por um lado, o público especializado, alvo da divulgação científica, como sejam investigadores e cientistas na área da Arqueologia e Arte Rupestre. Esta terá de ser suportada pelas investigações em curso, quer sejam feitas através de projectos de entidades exteriores ao PAVC, mas apoiadas por este, quer sejam projectos e investigações feitos por investigadores do PAVC. Esta divulgação é, sobretudo, realizada através da publicação de artigos científicos e participação em colóquios e congressos. É esta investigação que serve de suporte a toda a divulgação do PAVC.

Por outro lado, individualizou-se o público não especializado, o público que visita durante todo o ano as gravuras, e que, normalmente, é um público leigo em termos de Arqueologia e Arte Rupestre. O PAVC destina o seu serviço de visitas a este público e possui já uma série de produtos ao dispor deste visitante, que visam enriquecer o seu conhecimento sobre o património arqueológico, mas também sobre o património envolvente, cultural, económico e social de toda uma região.

Dentro do público não especializado, salienta-se o grupo mais assíduo e numeroso, o público escolar (cerca de 20%), alvo da divulgação pedagógica. O PAVC actua directamente junto da Escola, ou chama-a até si, num apelo à visita, proporcionando actividades que levem à descoberta e ao conhecimento sobre as primeiras conquistas da Humanidade, introduzindo novas informações, desenvolvendo novas capacidades, gerindo conhecimentos, construindo aprendizagens significativas.

2. A criação do Serviço Educativo

O serviço de visitas do PAVC iniciou-se, em Agosto de 1996, com visitas guiadas aos núcleos da Penascosa e da Canada do Inferno, alargadas em 1997 à Ribeira de Piscos. O sistema de visitas delineado, caracteriza-se pelo acolhimento dos visitantes em Centros de Recepção nas localidades próximas dos núcleos de arte, Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa e Muxagata. A partir daqui, os visitantes seguem, em grupos de oito, em viaturas todo-o-terreno, acompanhados por um guia através dos caminhos rurais do Parque. Este guia faz uma introdução ao contexto da arte e revela os painéis gravados ao visitante, com o auxílio de fichas explicativas.

Numa perspectiva de diversificação do tipo de visitas, o PAVC disponibiliza, desde 2005, visitas de barco pelo rio Côa, que incluem a visita a dois núcleos de arte, e ainda visitas nocturnas, que possibilitam uma melhor percepção da arte.

Em virtude de todas as visitas ao PAVC serem guiadas, estas estão sujeitas a marcação prévia. As visitas de barco e nocturnas estão, também, dependentes de calendarização por parte do Parque por razões de ordem logística.

Qualquer que seja a modalidade escolhida, o visitante é acompanhado por um guia-motorista, que teve a sua formação em diversas áreas, como arqueologia e arte rupestre, fauna e flora ou mesmo línguas estrangeiras. Formação que proporciona ao visitante o prazer de desfrutar de um património arqueológico de valor incalculável, mas também do seu enquadramento no património natural que o rodeia.

Faltava, para um serviço educativo que já tinha na visita guiada o seu embrião, criar actividades que pudessem servir de apoio ou de complemento na construção de conhecimentos, complemento esse que podia surgir a partir de uma vertente mais lúdica. Moveu-nos, pois, a necessidade de criar um programa ou um plano que contemplasse, de forma estruturada, aquilo que até aqui era um conjunto de actividades realizadas esporadicamente. É nesta perspectiva que consideramos a existência de um serviço ou sector educativo no PAVC.

O primeiro passo consistiu em reflectir sobre uma série de questões e limitações que se impunham, e que respondidas iniciariam a prática pedagógica do PAVC. Entre elas as mais importantes: Que estratégias se irão desenvolver? Necessitamos de formação? Dominamos um circuito de distribuição? Como se pode assegurar a divulgação de forma permanente? Que equipa? Que orçamento? Que sustentabilidade? Que suportes?

Além disso, foi necessário definir a função que a instituição atribui à educação. Esta função tem que estar em consonância com os seus objectivos no que respeita à comunicação. Considerou-se, como principal objectivo, torná-la num organismo que permita uma verdadeira aprendizagem, e que assegure que os seus visitantes sejam provenientes de todos os sectores da sociedade, e não só dos tradicionais grupos minoritários. Assegurar que toda a estrutura da nossa instituição se torne parte integrante ou, pelo menos, parte informada dos objectivos e das actividades que se pretendem desenvolver, foi também um importante passo: "...não pode haver um fosso nem entre a retórica e a realidade, nem entre o topo e a base da estrutura do museu, de modo a que os obstáculos sejam removidos e que toda a equipa e investigadores sejam implicados no processo" (Fleming, 2001: 27).

2.1. O Plano de Acção Educativa

Feita a reflexão e a análise necessárias, passou-se à etapa seguinte, a criação de um Plano de Acção Educativa. Um Plano de Acção é, essencialmente, um documento onde são enunciadas as metas e missão do serviço, os seus objectivos e estratégias/

actividades. Os princípios teóricos foram enunciados, e a elaboração de um guião prático de actividades efectuada.

Designámo-lo Plano de Acção Educativa do Parque Arqueológico do Vale do Côa (Quadro 1), com a esperança de estarmos a lançar a primeira pedra para a criação do “edifício” do nosso, muito necessário, serviço educativo, que certamente irá ser alvo de muitos contributos e alterações ao longo do processo.

2.2. A definição do público-alvo

Um dos pontos-chave de qualquer plano de acção consiste em identificar o público-alvo sobre o qual o serviço se irá concentrar.

Na prática, para o PAVC, esta meta é bastante difícil de alcançar, devido à vastidão de abordagens

que implica concretizar. Cada tipo de público apresenta necessidades diferenciadas, e exige actividades e metodologias adequadas às mesmas. Como tal, é hoje do senso comum, nas práticas educativas das instituições culturais, que a selecção de grupos diferenciados deve ter em consideração os seguintes aspectos:

- A fidelização do público já existente (por ex. público escolar);
- Investigação, formação, concepção de projectos sustentáveis para alargar o plano a outros grupos sociais;
- A missão e características físicas da instituição: oficinas para ateliês, local de armazenamento de materiais; outros espaços de interesse lúdico-pedagógico;

Quadro 1 | Plano de Acção Educativa do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) – 2005/2007

As Actividades Educativas do PAVC têm como missão e metas essenciais: valorizar e divulgar o património cultural; aumentar a oferta de propostas de acção educativa para o público em idade escolar; motivar a comunidade escolar local, educadores, professores e famílias, à participação activa nas propostas de acções; proporcionar formação contínua, na área, aos funcionários da instituição.			
Objectivos			
Desenvolver um conjunto de actividades lúdico-pedagógicas para o público escolar; Divulgar as actividades de modo a cativar mais visitantes; Desenvolver propostas de projectos a realizar em colaboração com a comunidade escolar local; Disponibilizar materiais de apoio de forma a aprofundar o conhecimento do Património do Vale do Côa; Dar a conhecer o trabalho do Parque Arqueológico; Dar a conhecer os resultados da investigação sobre a arte rupestre e sobre o modo de vida dos Homens que a produziram; Proporcionar formação aos funcionários.			
Acção			
Visitas guiadas	Serviço de apoio à visita	Actividades lúdico-pedagógicas	Projectos
Visitas para o público em geral orientadas por guias, aos 3 núcleos de arte abertos ao público. Visita em veículo todo-o-terreno com grupos de 8 pessoas. Estas têm uma duração média de 2 horas. Visita temática para grupos escolares “Vamos aprender com os animais do passado?”. Visita orientada por guias em veículo todo-o-terreno com grupos de 8 alunos, ao núcleo da Penascosa. Com utilização de materiais de apoio. Esta terá uma duração de 2 horas.	Disponibilidade para orientação pedagógica na preparação de visitas escolares. Disponibilidade para consultoria pedagógica na preparação de exposições e outras actividades escolares. Disponibilidade de materiais de apoio à preparação das visitas por parte dos professores (Internet, fax). Contactos e propostas de trabalho entregues nas escolas locais.	Actividades dirigidas ao público escolar, inserido em visita de estudo, ou outros grupos, mediante marcação (deslocação de um técnico às escolas básicas do 1.º ciclo). – Apresentações em <i>Power-Point</i> com orientação de um técnico, e apresentações para consulta autónoma; – Jogo didáctico “Descobrir a Pré-História”, com orientação de um técnico. Destinado a ocupar o tempo de espera da visita, no centro de recepção, e para levar às escolas, quando solicitado; – Sessões de contos sobre arte rupestre e os seus autores, para escolas do concelho (1.º ciclo); – <i>Ateliers</i> de Arqueologia experimental; – Percurso pedestre, orientado, por Castelo Melhor (<i>Peddypaper</i>).	Projectos para iniciativas esporádicas que possam ter lugar nos espaços do PAVC ou em espaços exteriores à instituição. Tais como colaboração em exposições, congressos ou outro tipo de eventos. – <i>Workshops</i> : “Um lugar para comunicar a arte”. Uma oficina de artes, realizada em Dezembro, aberto a todos os públicos. Com sessões orientadas para escolas.

- Recursos disponíveis (material de apoio, consumíveis para *workshops* e ateliês);
- A gestão do orçamento;
- Sustentabilidade.

Na especificação do público-alvo deve ter-se, ainda, em conta:

- A natureza do património;
- Desenvolvimento de estratégias que atraiam novos visitantes;
- Limitações (espaço, orçamento, recursos);
- Formação da equipa (por ex., nem todos têm formação para trabalhar com pessoas com necessidades especiais, público sénior, toxicodependentes, etc.).

Como já foi referido, a divisão principal fez-se entre dois tipos de público, o especializado e o não especializado. Considerou-se que, para os próximos três anos, as actividades educativas do PAVC devem ser mais direccionadas para jovens inseridos em visitas escolares, devido às limitações de espaço, à natureza da própria "coleção" e à equipa educativa permanente que ainda se está a criar. Também teremos dificuldade, por falta de formação e de acessos, em trabalhar com grupos muito específicos, quer sejam grupos com necessidades especiais ou público sénior. No entanto, outras abordagens, além das visitas guiadas, podem ser equacionadas, havendo a necessidade de formar uma equipa e de possuir um espaço físico onde se possam desenvolver as actividades (por exemplo o espaço de um museu).

O PAVC deverá procurar fidelizar este público escolar, mas não deverá descurar a realização de actividades que possam ser desenvolvidas com todos os jovens não inseridos em visita de estudo. Neste caso, por razões de natureza geográfica, dever-se-á ter em atenção os jovens residentes na região envolvente.

O número de visitantes inseridos em visita escolar, não tem, de facto, aumentado, desde a criação do Parque (Quadro 2). O programa agora elaborado tem, também, como objectivo aumentar o número destes visitantes, fazendo com que procurem as actividades do PAVC por serem mais diversificadas e, por isso, poderem ser realizadas mais do que uma vez durante um ano lectivo ou, pelo menos, procuradas todos os anos.

2.3. A equipa educativa

A questão da formação da equipa que colabora nas actividades educativas motivou algumas reflexões, no sentido de integrar colaboradores que, além do interesse demonstrado por este tipo de serviços, possuíssem alguma formação ou experiência nessa área.

Além da responsável pela coordenação do serviço, gostaríamos de integrar definitivamente na equipa educativa, preparando propostas e monitorizando actividades, alguns técnicos do quadro de pessoal do PAVC. Temos para já a colaboração mais directa, mas sempre esporádica, de alguns técnicos cuja função principal é a de guias-motoristas. Desde a criação do Parque que estes profissionais asseguram as visitas guiadas aos núcleos de Arte Rupestre. Neste momento, contamos com a sua colaboração na monitorização de algumas actividades educativas propostas para 2005/2007.

Quadro 2 | Evolução dos públicos escolares que visitam o PAVC

Ano	Públicos escolares						
	N.º de escolas	N.º de alunos					
		Total	Pré-escolar	1.º Ciclo	2.º e 3.º Ciclos	Secundário	Superior
2000	94	3 635	0,0%	4,1%	49,8%	36,2%	9,9%
2001	98	4 334	0,4%	5,1%	51,7%	35,6%	7,2%
2002	83	3 011	0,0%	6,3%	60,5%	25,1%	8,2%
2003	25	664	0,0%	13,1%	48,7%	28,2%	10,0%
2004	63	3 043	0,0%	5,6%	53,9%	33,2%	7,3%

As funções a que estão vinculados não permitem, porém, que possamos ter uma equipa educativa a tempo inteiro.

2.4. A divulgação

Depois de elaborados os materiais necessários para as actividades, chegámos a um ponto crítico. Como divulgar estas actividades no sentido de chegar ao nosso público-alvo? Foi preciso elaborar, com a voluntariosa ajuda de colaboradores externos ao Parque, um folheto de divulgação. A divulgação do programa de actividades é fundamental para o cumprimento do Plano de Acção. Foi o que fizemos e que surge agora em dois formatos diferentes (Figura 3).

Fizemos chegar estas informações a todas as Direcções Regionais de Educação, que por sua vez procedem à divulgação institucional junto das escolas. Entretanto, para todas as escolas que

marcam visita é enviado um fax de confirmação onde segue o folheto e a possibilidade de selecção das actividades pretendidas. Não podemos esquecer o facto de termos disponível *on-line* na nossa página (<http://www.ipa.min-cultura.pt/coa>), um serviço de apoio às visitas escolares com fichas disponibilizadas na visita e o programa de actividades.

3. O futuro

Finalmente, uma referência ao papel que o futuro Museu de Arte e Arqueologia poderá desempenhar no programa de actividades de um serviço educativo. Para além de se destinar um espaço para o desenvolvimento das actividades educativas, algo que neste momento não existe, este museu significará a criação de uma estrutura capaz de suportar as consequências do aumento da divulgação do Vale do Côa. Não só permitirá um aumento no número de visitantes, como um melhor aproveitamento da Arte Rupestre, sem pôr em causa a necessidade da sua protecção e conservação. Sem o Museu será certamente mais difícil a concretização dos fins a que se propõe este programa.

Bibliografia

- Baptista, António Martinho, 1999, *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa: Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*, Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- Carvalho, António Faustino; Zilhão, João; Aubry, Thierry, 1996, *Vale do Côa: Arte Rupestre e Pré-História*, PAVC, Lisboa.
- Dierking, Lynn D., 1996, *Contemporary Theories of Learning*, in Durbin, Gail, (ed.) *Developing Museum exhibition for Lifelong Learning*, GEM (Group for Education on Museums), pp. 21-24, London.
- Fleming, David, 2001, *Política Educativa: Objectivos*, in *Actas do Encontro Museus e Educação*, 10 e 11 de Setembro, Lisboa.
- Fontal Merillas, Olaia, 2003, *La educación patrimonial: Teoría y práctica en el aula, el museo e internet*, Ediciones Trea, S.L., Gijón.
- Luis, Luís, 2000, *Patrimoine archéologique et politique dans la vallée du Côa au Portugal*, *Les Nouvelles de l'Archéologie*, 82.4.º trimestre, pp. 47-52, Paris.
- Roschelle, J., 1995, *Learning in Interactive Environments: Prior Knowledge and New Experience*, in Falk, John H., Dierking, Lyn D. (eds.) *Public Institutions for Personal Learning: Establishing a Research Agenda*, American Association of Museums, pp. 37-51, Washington.
- Silva, Susana Gomes da, 2002, *As vozes e o silêncio: O museu como campo de múltiplas batalhas*, in Amaro, Gertrudes (coord.), *Actas do Encontro Internacional Educação para os Direitos Humanos*, Instituto de Inovação Educativa, pp. 467-472, Lisboa.
- Silva, Susana Gomes da, 2003, *Museu e Escola*, por uma relação privilegiada, *Revista I Fernão*, Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, N.º 17, pp. 20-25. |



Figura 3 | Folheto de divulgação das actividades educativas do PAVC.